

Umha meixela despois a outra, de Artur Alonso Novellhe

Carlos G. Figueiras

Formas de citación recomendadas

1 | Por referencia a esta publicación electrónica*

FIGUEIRAS, CARLOS G. (2011 [2006]). “*Umha meixela despois a outra*, de Artur Alonso Novellhe”. *Agália*: 87-88, 184-186. Reedición en *poesiagalega.org*. *Arquivo de poéticas contemporáneas na cultura*. <<http://www.poesiagalega.org/arquivo/ficha/f/218>>.

2 | Por referencia á publicación orixinal

FIGUEIRAS, CARLOS G. (2006). “*Umha meixela despois a outra*, de Artur Alonso Novellhe”. *Agália*: 87-88, 184-186.

* Edición dispoñíbel desde o 25 de xaneiro de 2011 a partir dalgunha das tres vías seguintes: 1) arquivo facilitado polo autor/a ou editor/a, 2) documento existente en repositorios institucionais de acceso público, 3) copia dixitalizada polo equipo de *poesiagalega.org* coas autorizacións pertinentes cando así o demanda a lexislación sobre dereitos de autor. En relación coa primeira alternativa, podería haber diferenzas, xurdidas xa durante o proceso de edición orixinal, entre este texto en pdf e o realmente publicado no seu día. O GAAP e o equipo do proxecto agradecen a colaboración de autores e editores.

**UMHA MEIXELA DESPOIS A OUTRA,
DE ARTUR ALONSO NOVELLHE**

Carlos G. Figueiras

Depois da publicação de *Entre os teus olhos* (Difusora de Letras, Artes e Ideas; 2003), Artur Alonso Novelhe publica, em 2005 e na colecção de poesia da Associação Galega da Língua, *Umha meixela depois a outra*, prefaciado por Joel R. Gómez.

Profundo e comunicativo, este poemário nom é simplesmente a segunda impressom em papel dumha assinatura que pretende assim afirmar-se na vontade de continuar a se construir em percurso, em biografia, em projecto literário. Se com *Entre os teus olhos* tomamos conhecimento da profundidade da voz poética de Artur Alonso Novelhe, *Umha meixela depois a outra* representa a confirmação da existência dessa voz, consolidando-a na forma e nas maneiras, assentando-a e apresentando a sua capacidade de se transformar e se estender à procura de novos horizontes para as palavras suas, para a história duns seus poemas cheios de suas histórias, de História nossa, de palavras que nos acompanham desde o passado tornando-se eternamente presentes.

Desta maneira, o autor inclui, nesta segunda obra, poemas que enlaçam à perfeição com as temáticas do relacionamento próximo com a segunda pessoa, dominantes no seu primeiro trabalho; cheios de intimidade

tam só dous ocos acomodados
no lençol húmido
que apenas um momento retivo a figura dos dous contraentes

e outro tipo de textos em que, mantendo sempre a mesma vontade estética, continua no tom e no ritmo a escrita de palavras que ecoam nos nossos ouvidos, já desde a leitura silenciosa, reverberâncias dumha voz séria e profunda em que se atravessa o ‘nós’, a primeira pessoa do plural, no meio das palavras

Ninguém vai dar
nossos nomes à imprensa

mantendo esse ritmo pausado, reflexivo, saudoso,

Deixaremos sem mais
ir morrer de fame outonos

descuidaremos a sério
saudosos arvoredos à berma daquela estrada
onde nunca amar-nos quigérom

para sonhar, noutra tardança, ciprestes
que inventem latitudesa nosso corpo distantes

o nós dos poemas de *Umha meixela depois a outra* continua a evocar a saudade dum passado que, embora colectivo, representa para o eu umha oportunidade perdida num tempo que nom voltará. O ‘nós’ mascara e descobre simultaneamente um povo que nom o soube ser, ou que nom soube desenvolver a capacidade de o ser, que nom é dono, portanto, de nada.

Somos legitimamente donos
dumha nada feita por luitas alheias

Um povo que existe assim dominado, guiado, controlado por aqueles que, dumha maneira ou de outra nom soubérom quem eram, ou nom soubérom ser nada.

e som como o nosso povo
ingénuos e doentes
nom aguardeis deles
gramática no ressurgimento

A primeira pessoa de plural transforma-se entom de povo em naçom, em hipótese de naçom truncada no passado. É nesta transformação que se estabelecem as pontes fundamentais que conectam as duas temáticas principais deste livro, onde se possibilita a continuidade do estilo, a continuidade da voz de *Entre os teus olhos*. É na rememoração do passado à procura de respostas, na ansiedade saudosa de repensar os acontecimentos, de explicar os possíveis caminhos do futuro (individual ou colectivo), que as duas temáticas principais de *Umha meixela depois a outra* estabelecem as suas ligações e passam a conformar umha unidade maior, que se retroalimenta, que nos permite explicar uns poemas polos outros, compreendê-los como um conjunto caracterizado por esse olhar, muitas vezes aparentemente resignado, que pretende deitar luz sobre os factos e os feitos. As perdas individuais da intimidade som perdas físicas, irrecuperáveis, definitivamente marcadas pola distância temporal. As perdas colectivas som neste caso morais, mas parecem irrecuperáveis também.

Alegremente entregamos memória
complacente demos em renegar escrita

[...]

de maneira
que os mais correctos
se fõrom acomodando habilidosamente ao fácil

daí que os mais singelos
jamais perguntem de onde vimos
imos a algumha parte?

por que falam umha língua
que cerne aroma para confundir lealdades

à vez que os pais deitavam suor
eles emigraram à procura de escravizá-los
porque somos umha nação de covardes!

Porém, um poemário como este, que visa, desde a revisão do passado, de todos os passados, a construção de futuros melhores, se não totalmente diferentes; deixa necessariamente portas abertas à esperança para o universo do colectivo, sobretudo no que diz respeito ao social, à vida das pessoas (primeiras, segundas ou terceiras; de singular ou plural). É por estes caminhos que a poesia de Artur Alonso Novêlhe atinge o seu ponto de mais alta implicação, pois, para além da denúncia, propõe-se também umha poesia de respostas dadas, de necessidades de futuro; capaz de se enfrentar com problemas actuais e escrever filosofia(-s) de vida desde o conhecimento de erros passados.

Piedade polo jovem
que aquece as suas veias inseindo doenças
porque dentro dele o nosso corpo secou duas fronteiras

[...]

Salvai se é possível
os beijos encarnados

a menina que sonha entregá-los
a um preço demasiado baixos

porque curta será a sua débil esperança

Assim, alguns dos poemas adquirem um tom transcendente, em que as respostas dadas atendem para temas como a adição às drogas, e as doenças que pelo seu consumo se transmitem; ou a exploração sexual de menores. Da mesma maneira que tenta oferecer-nos respostas, o livro, continuando com esse tom reflexivo, apresenta a construção de umha filosofia de vida em que, como na análise do passado, o poeta, desconforme e muito crítico com o modelo de sociedade em que vive, denuncia abertamente o seu egoísmo individualista

em lume há de sucumbir
todas as jóias que fostes acumulando

e o tesouro da certeza
esfarelar-se-á num segundo de efémera conversa

Contudo, esta procura do repensar o passado, de extrair dele respostas válidas para a construção de futuros melhores, encontra-se, na revisão do divino, com o mais fraco da condição humana, com a nossa incapacidade de exercer um domínio pleno sobre a realidade; com os medos que isso nos infunde,

nom devemos interromper os Deuses
eles sabem muito pouco da condição humana
mas marcam por nós sendas de viagem

